

João Cutileiro lavando a estátua uns dias antes da sua apresentação pública, fotograma do filme 'O Encoberto' de Fernando Lopes



A INAUGURAÇÃO QUE NÃO ACONTECEU

*Por Francisco Castelo**

*Técnico Superior - Fototeca Municipal

Nota: o autor escreve de acordo com a antiga ortografia.

1) Visita do Presidente da República a Lagos - RTP arquivos - consulta em linha em 10.10.2022 em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/chefe-de-estado-visita-lagos/>
 2) 4º centenário de elevação da cidade de Lagos - RTP arquivos - consulta em linha em 10.10.2022 em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/4o-centenario-de-elevacao-da-cidade-de-lagos/>
 3) O NOSSO JORNAL, edição mensal de Setembro de 1973, consultado no Centro de Documentação do Museu de Lagos

Celebrámos no dia 27 de Janeiro os 450 anos de elevação de Lagos a cidade, no mesmo ano em que a estátua de D. Sebastião, patente na Praça Gil Eanes, completa 50 anos de existência. Para além da estátua, João Cutileiro foi ainda o autor de uma medalha alusiva aos 400 anos da cidade. Aspecto insólito, o facto de a estátua não ter sido inaugurada no âmbito das comemorações que se iniciaram a 27 de Maio e terminaram em 27 de Outubro de 1973.

A estátua a El-Rei D. Sebastião foi apresentada aos lacobrigenses no dia 18 de Setembro de 1973, mas a sua inauguração não constou no programa da visita do Presidente

da República que a RTP noticiou presidindo às comemorações do IV Centenário da Elevação de Lagos a Cidade¹, embora as comemorações se tenham iniciado em Maio². Portanto, não foi inaugurada, mas terá sido revelada na manhã desse dia, ainda que não conste ter sido uma manhã de nevoeiro.

Considerando que nas vésperas da agendada visita presidencial ao Algarve, os jornais locais davam conta desse evento e referenciavam a prevista inauguração da estátua de D. Sebastião³ interrogamo-nos acerca do que terá acontecido para que o monumento não fosse inaugurado pelo mais alto magistrado da nação.

Já a reportagem do Jornal de Lagos⁴ à visita presidencial do dia 18 de Setembro refere a existência dessa nova peça da arte pública local, mas nada diz sobre a sua apresentação formal. E a reportagem da RTP, desse mesmo dia, também não se detém um segundo na estátua, mostrando-a, fugazmente, na panorâmica que dá conta da multidão que enche a Praça Gil Eanes.

Consultada a Proposta⁵ do Governo Civil de Faro para o Programa da Visita do Presidente da República ao Algarve, entre 15 e 18 de Setembro de 1973, que aquele organismo distrital produziu, verifica-se que a inauguração da estátua não consta no programa, como também não constava a visita ao Hotel de Lagos

que recentemente ampliara as instalações, visita que aparece naquela proposta em redacção manuscrita aposta posteriormente.

Seguramente, não terá partido da edilidade, presidida pelo Dr. José Joaquim Figueiredo Luís, essa omissão relativa à inauguração da estátua porque a Câmara Municipal havia apreciado a maqueta e a explicação da mesma a que o autor procedeu, presencialmente, na sessão de 6 de Julho de 1972⁶ e concordara unanimemente com a proposta apresentada.

Consequentemente, presume-se que a decisão de não inaugurar a estátua teve origem no serviço do Protocolo da Presidência da República, provavelmente por enten-

4) 'O Jornal de Lagos' de 10 de Outubro de 1973 - arquivo privado do autor

5) 'Programa da Visita do Presidente da República ao Algarve' - Arquivo Histórico da Presidência da República Portuguesa, consultado em 13/10/2022

6) Arquivo Municipal de Lagos (AMLGS) - Acta da sessão de 6 de Julho de 1972. Livro de Actas da Câmara Municipal de Lagos. Liv. N.º 30.

Em baixo:

A Praça Gil Eanes repleta no dia 18 de Setembro de 1973, in RAMPA, semanário algarvio, N.º 28 ANO III, Lagos, 29 Outubro de 1973





Postal ilustrado dos anos 70, colecção de Joaquim Paleta Marreiros

derem tratar-se de uma obra que feria os cânones da representação iconográfica das figuras históricas.

Procurando desmobilizar o ímpeto censório do regime sobre a polémica escultura, o crítico e historiador de arte José Augusto-França teceu nas páginas da revista *Colóquio Artes* um extenso preito laudatório que sublinhava o regresso à liberdade da forma, que esta peça escultórica operava na arte portuguesa. Nas suas palavras: "... uma notável obra de estatuária contemporânea – não só em Portugal. E, no nosso país, a quebra duma triste tradição de academismo 'modernizado'. Lagos pode estar orgulhoso de ter uma das melhores estátuas de Portugal - e a mais moderna de todas."⁷

A crítica popular local à estética da peça esmoreceu com o de-

correr do tempo e a mudança de mentalidades, e a cidade e os seus habitantes acabaram por aceitar a 'problemática' escultura, talvez por nela reconhecerem a 'problemática' personalidade que ela evoca. Permaneceu, no entanto, a crítica de alguns acerca da pretensa divergência entre as peças escultóricas e os locais onde foram implantadas, não concordando que a estátua de D. Sebastião esteja na Praça Gil Eanes e a estátua de Gil Eanes esteja no Jardim da Constituição; como se tudo na vida tivesse de obedecer a uma obsessiva arrumação.

Agradecimentos aos vários colaboradores que prestaram depoimentos ou indicaram fontes para consulta, e em particular a Cristiano Cerol, Joaquim Paleta Marreiros, Maria Helena Simão, Maria João Cerol e Marta Nogueira.

7) FRANÇA J. A. 'O Dom Sebastião de João Cutileiro', *Colóquio Artes* N.º 14, 2.ª Série, Out. 1973, págs. 41 a 44 - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1973